



LA ESPESURA DEL LUGAR: REFLEXIONES SOBRE EL ESPACIO EN EL MUNDO EDUCATIVO. SANTIAGO DE CHILE: UNIVERSIDAD ACADEMIA DE HUMANISMO CRISTIANO, 2009

GARRIDO. P. Marcelo. (Org.)

Prof. Dr. Rafael Straforini⁷⁶

De imediato, ao se tomar contato com o título da obra, a primeira questão que vem à mente é: qual o sentido empregado para *espesura*? Tanto na língua portuguesa como na espanhola, o termo *espesura* significa densidade, que, por sua vez, pode significar intensidade, profundidade. Tem-se assim no título da obra o claro objetivo de *mergulhar* com profundidade no significado do lugar, ou, ainda, reavivar as intensidades do lugar como uma categoria central no mundo educativo.

O lugar – como uma categoria espacial – há muito foi incorporado pelos cientistas sociais em suas análises sobre os indivíduos e/ou grupos sociais, uma vez que não há como separar as circunstâncias do ser do seu próprio meio. Na Geografia, dos clássicos aos pós-modernos, o termo *lugar* sempre esteve preso ao sentido locacional, ou, ainda, à situação geográfica. Assim, falar de lugar é falar de um local específico, de uma localização reconhecida, identificada ou vivenciada e em permanente relação dos seus arranjos internos com seu entorno que pode ser o mais próximo ou mesmo o mais distante.

A palavra de ordem para pensar o lugar é, portanto, **relação**. Falamos de *relação* sociedade-natureza; de *relação* próximo-distante; de *relação* tempo-espaco; de *relação* cultura-economia, dentre tantas outras para refletir sobre o lugar que ocupamos, sobre nosso lugar, ou, ainda, sobre aquele lugar.

Mas como bem apresenta o organizador do livro na introdução, o lugar é um conceito polissêmico, a depender das ferramentas teórico-metodológicas empregadas, diferentes caminhos serão percorridos, mas todos com o mesmo objetivo, que é compreender a espacialidade, sem importar se o resultado final será evidenciação de afetos (sensações), de sentidos (percepções) ou de expressão cognitiva da subjetividade.

Poderíamos citar inúmeros trabalhos na Geografia que se apropriam dessa categoria (lugar) para compreender a espacialidade como produto dessas múltiplas relações. No entanto, quando se trata do campo da educação, a espacialidade pouca atenção tem recebido ao longo do tempo, fundamentalmente pelos geógrafos. Mas não é verdade, como bem enfatiza Marcelo Garrido, que a educação não tenha buscado nas últimas décadas redimensionar o processo educacional à luz da espacialida-

76 Departamento de Geografia – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

de, uma vez que querendo ser um processo de produção de sentidos aos conteúdos, procedimentos, atitudes e conceitos estudados na escola, faz-se necessário estabelecer **relações** entre esses sentidos e o lugar de vivência dos educandos.

Mas se a espacialidade é um produto de ações humanas ou da própria **relação** sociedade-natureza, por que persiste o desinteresse por parte dos alunos para com a Geografia escolar? O que Marcelo Garrido busca construir com o apoio dos demais autores é que a resposta a este desinteresse pode estar relacionada à superficialidade com que os conceitos são tratados na escola, fundamentalmente o conceito de lugar. Tal superficialidade não se trata apenas do confronto do conceito de lugar construído pelo senso comum com aquele construído na academia, mas de considerá-lo somente como um conceito construído em condições formais de uma educação que tenta impor um sentido nomotético ao lugar. *La espesura del lugar* tratada pelos autores visa contrapor essa superficialidade com uma apropriação do conceito de lugar baseada em experiências informais e híbridas de percepções, sensações e materiais capazes de imprimir sentidos ideográficos.

O livro está organizado em duas Partes, a saber: *Lugar como escenario de los procesos educativos* (composta por cinco capítulos) e *Lugar como contenido de los procesos educativos* (composta por quatro capítulos). Em ambas, são encontrados textos escritos em espanhol (cinco textos) e em português (quatro textos) por pesquisadores de universidades chilenas, brasileiras e mexicana. Aliás, esse é um dos pontos positivos do livro: agregar diferentes autores, de diferentes nacionalidades, universidades e línguas em um único objetivo: refletir sobre a Geografia escolar e o processo educacional à luz da dimensão espacial.

O texto de Fabián Gonzales, intitulado *Geografía del espacio escolar: desplazamientos, acomodaciones y búsquedas desde la experiencia del lugar*, inicia a Parte I apresentado-nos uma visão da escola como uma espacialidade em movimento. Esta escola ao longo do tempo busca impedir a instalação de práticas que reconheçam a subjetividade e a construção de projetos coletivos de experiência espacial. A geografia do espaço escolar de Gonzales não deve ser compreendida como um edifício institucional centrado na produção de conhecimentos prescritivos ou formais, mas como uma realidade social construída no espaço-tempo em que se edificam tanto os projetos educativos hegemônicos como os projetos contra-hegemônicos. A espacialidade em movimento significa buscar no lugar as condições necessárias para desestabilizar as concepções formais que impedem uma compreensão efetiva da realidade social mais geral, sem necessariamente abandonar as razões nacionais e globais em uma pedagogia do movimento entre o global e o local, ou, como o autor prefere intitular, uma *pedagogia nômade*.

O segundo texto, de autoria de Sonia Maria Vanzella Castellar, intitulado *Lugar de vivência: a cidade e a aprendizagem*, analisa o lugar de vivência como forma de se estudar a cidade e o urbano no currículo escolar para a educação geográfica. Para a autora, “lugar de vivência” deve ser entendido como uma rede organizada em planos internos e externos simultaneamente havendo uma estreita relação de pertencimento por envolver a história dos objetos e a história dos seus habitantes. Aliás, essa é uma das contribuições da autora: desmistificar a ideia de que organização das cidades em rede não exclui o sentimento de pertencimento: “todas as cidades educam, à medida que a relação do sujeito ou do habitante com esse espaço é de interação ativa e dialética”. Então, surge uma questão: qual é o papel ou a importância de um projeto educativo da cidade? Segundo Castellar, a escola tem todas as condições de elevar a eficácia do projeto [educativo da cidade] a um patamar superior, pois ela exerce a função de mediadora entre a própria cidade vivida pelos alunos e o projeto educativo da cidade.

Johann de La Luz García Valdés assina o terceiro texto da Parte I, intitulado *El lugar em la superación de adversidad: espaço de vida y resiliencia comunitária*, com o objetivo de compreender a capacidade dos lugares em superar as adversidades capazes de produzir condições potenciais de danos em termos de recursos e de vidas. Para tanto, a autora utiliza o conceito de *Resiliência comunitária*, a capacidade de grupos humanos de responder ou superar condições adversas e saírem fortalecidos delas. A autora identifica dois pontos centrais que impactam o grau de resiliência: a autoestima coletiva e a identidade cultural. Nesse sentido, uma escola que não considera seus sujeitos com suas histórias e suas subjetividades locais, tentando responder apenas as tentativas externas ou formais de configuração de identidade, jamais será capaz de se tornar o elo entre a resiliência comunitária, a identidade cultural e a autoestima coletiva.

O capítulo de Ulisses Sepúlveda, intitulado *Vidas y cuerpos despojados de lugar: la espacialidad propuesta por el mundo escolar trás para o foco do debate o corpo como o primeiro espaço gestor de nossas subjetividades*. Para Sepúlveda, “a escola como potencial transformador deveria materializar corpos capazes de acolher emoções, que permitam novas formas de pensar e que promovam uma criatividade radical”. Dito de outra forma, um ensino orientado na construção do sujeito valoriza suas experiências espaciais, incorporando suas relações de identidade e de prazer com seu lugar de vivência.

Garrido finaliza a primeira parte com um texto sobre a relação entre ação educativa e espacialidade, com o título de *O lugar donde água brota desde las piedras: una posibilidad para comprender la construcción subjetiva de los espacios*. O autor enfatiza que toda ação educativa tem uma manifestação espacial que muitas vezes oprime os estudantes quando suas experiências espaciais não são resgatadas no processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, pensar a manifestação espacial de uma ação educativa significa também pensar a função da escola que historicamente tem desvalorizado as vivências particulares para instalar uma cultura universal e geral. Quando os alunos são impedidos de compreender a indissociabilidade entre os significados e as materialidades presentes em seus espaços cotidianos no plano de suas experiências concretas, produz-se uma manifestação espacial do ato educativo, que é a instalação de práticas homogeneizantes e alienadas. Por outro lado, se tanto os alunos como os professores tiverem suas experiências vividas no lugar valorizadas, a ação espacial do ato educativo se revelará na coletivização de projetos pessoais.

A segunda parte do livro tem por objetivo estabelecer vínculos entre o lugar e a educação, mais especificamente o lugar como núcleo ativador do ato educativo. O primeiro capítulo, de autoria de Lana de Souza Cavalcanti e intitulado *Educação geográfica e a formação de conceitos: a importância do lugar no ensino de Geografia*, inicia-se com uma afirmação de que o raciocínio espacial demanda responder a duas questões geográficas centrais: Onde um determinado objeto está localizado e Por que aí se encontra? A primeira questão evoca localização e elementos descritivos, enquanto a segunda evoca razões subjetivas, históricas e sociais. Sob qualquer ponto de vista, para Cavalcanti, tais questões nos levam para o conceito de lugar, uma vez que ao respondê-las buscamos ou nos deparamos com as “especificidades dos lugares”. Ao pensar o ensino de Geografia e a pertinência da categoria lugar como um conteúdo escolar, a autora afirma que só faz sentido pensá-la se for utilizada como uma categoria ou uma ferramenta que possibilite leituras de mundo por parte dos alunos. No entanto, o professor deve atentar que ao trabalhar o lugar possibilitará que os alunos acessem diferentes elementos do raciocínio espacial, a saber: um ponto localizável e de orientação; onde e por que ali; experiências subjetivas da experiência vivida; ponto de encontro de lógicas locais e globais.

O texto seguinte, de autoria de Alicia Lindón, intitulado *La educación geográfica y la ampliación de las terrae cognitae personales*, problematiza a relação entre as terras desconhecidas promovidas pela ampliação do horizonte geográfico com a ampliação das terras adquiridas cognitivamente, por meio de uma ciência que se forja com um método e um vocabulário próprios. Nesse processo, alguns conceitos e até mesmo uma linguagem geográfica foram retirados da educação em Geografia porque impunham um sentido muito mais ideográfico do que nomotético, logo, menos científico. Talvez, retornar a esses conceitos e a essas linguagens possibilite que os alunos ampliem seus conhecimentos geográficos ou seus “territórios conhecidos”.

O texto *O lugar e o ensino-aprendizagem da Geografia*, de Helena Copetti Callai, é o único artigo apresentado no livro que se debruça sobre a formação dos professores de Geografia e a importância da categoria lugar no processo de desenvolvimento do raciocínio espacial por parte dos professores e dos alunos, uma vez que, segundo suas palavras, os professores devem dominar os raciocínios espaciais para saber ensinar. A autora se baseia em Milton Santos para fundamentar seu entendimento sobre o raciocínio espacial envolvendo o lugar, tal qual seja a capacidade de estabelecer relações escalares do próximo ao distante, do local ao global. Assim, a formação do professor de Geografia tem que valorizar as novas competências (aprender a fazer, saber fazer, saber por que fazer, como fazer) para o exercício de sua profissão no atual contexto de globalização, uma vez que novas demandas emergiram na Geografia escolar, como a necessidade de se trabalhar com os alunos a ordenação do território, da gestão do meio ambiente, dos transportes urbanos e dos recursos energéticos; a análise da paisagem; o direito à cidade, à habitação e à circulação em geral, tudo isso presente, visível, identificado e percebido no lugar de vivência dos alunos.

Nestor André Kaercher encerra o livro com o texto intitulado *Quando a escola não desperta o desejo de aprender ela nos rouba a alma*. Kaercher discute as dificuldades que os professores de Geografia têm em manter aceso o interesse dos alunos em suas aulas. Em seu estudo, ele identificou alguns discursos recorrentes tanto por parte dos alunos como dos professores, revelando uma ação pedagógica confusa, conteudista e pouco vinculada à realidade vivida pelos alunos. O autor nomeou esses discursos e práticas *Geografia como pastel de vento* ou *Geografia catequética*. O autor defende que para a Geografia se tornar interessante é preciso que o professor tenha interesse em saber o que o aluno pensa e falar de seu cotidiano, de seu lugar de vivência.

De uma forma geral, *La espesura del lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo* nos mostra um novo movimento dos pesquisadores nos últimos anos, rumo à superação da mera transposição de conceitos desenvolvidos nos campos da Geografia e da educação para a educação em Geografia. Havendo uma preocupação para com as práticas e os saberes escolares, especialmente aqueles saberes manipulados pelos professores de Geografia ou quaisquer outros sujeitos envolvidos em processos educacionais formais ou não formais, cujo espaço apresenta em si uma dimensão formativa.

Essa preocupação se revela no tratamento dado ao conceito de lugar e nos autores de diferentes correntes teórico-metodológicas postos a dialogar ao longo de quase todos os nove capítulos, como Yi-Fu Tuan e Milton Santos. Outrora, quando os pesquisadores da Geografia escolar revelavam apenas o que se pensava nas “ciências mães” (Geografia ou Educação), era impossível colocar em diálogo autores de correntes aparentemente não convergentes. Com isso, esses estudos espelhavam a imagem do pesquisador, sem deixar com que a escola se revelasse na sua complexidade.

As pesquisas mergulhadas na complexidade do processo de construção de conhecimento que se dá intra ou extramuros das escolas começaram a colocar em xeque a formalidade e a objetividade de se pensar a escola e seu currículo, já que aqui nos interessa o *espaço* no mundo educativo. Não se trata de um afrouxamento intelectual pautado pelo ecletismo de correntes teórico-metodológicas como muitos têm criticado, mas de perceber que no processo de formação humana a afetividade, a identidade, a fragmentação, a alienação, o hegemônico, o contra-hegemônico fazem parte do mesmo processo, e que o *lugar* hibridiza tudo isso. Uma das riquezas que o livro nos revela é que o lugar não é uma externalidade à escola, mas é também a própria escola. Logo, a escola é um espaço-tempo em que múltiplos saberes e discursos emergem de seus sujeitos praticantes. Como bem firma Cavalcanti em seu texto, diferentes concepções emergem na prática docente quando se começa um trabalho com alunos a partir da categoria *lugar*, como o sentido de afetividade, de identidade e mesmo de sua negação considerando suas condições materiais de vida. Para Cavalcanti, o professor pode transitar por todas essas concepções, pois o que está em jogo não é a defesa de princípios teórico-metodológicos, mas que os alunos construam seu conhecimento a partir de sua interação com a realidade mediada por instrumentos simbólicos.

Por fim, este livro é um instrumento fundamental para quem deseja estar em contato com a vanguarda da produção intelectual sobre educação em Geografia. Recomendo fortemente sua leitura a todos interessados em educação em Geografia, desde alunos de graduação até professores de qualquer nível de ensino.

Artículo recibido 20 - 09 - 11. Aprobado 25 - 11 - 11.